



## 1951: A COPA RIO E SUAS REPRESENTAÇÕES A PARTIR DO *JORNAL DOS SPORTS*

ANDRÉ ALEXANDRE GUIMARÃES COUTO\*

Logo após o fracasso na Copa de 1950, o clima em torno do futebol era bem desanimador. Por certo, os torneios e campeonatos regionais retornariam com seu papel de alimentar o interesse dos torcedores e leitores da imprensa esportiva, ou seja, aficionados por este esporte no geral. No entanto, a ideia de derrotismo e subalternidade do futebol brasileiro aos demais países de tradição neste esporte (agora, inclusive em relação ao vizinho Uruguai) gerava um sentimento de desânimo e insatisfação por parte das autoridades esportivas, de parte da imprensa e de muitos torcedores. Desta forma, sob a iniciativa da CBD e com apoio e patrocínio da Prefeitura do Rio de Janeiro, a Copa Rio que recebera vários nomes ao redor do mundo ao longo do processo de divulgação, tornava-se uma realidade: a ideia central era realizar um torneio que pudesse reunir os campeões dos principais campeonatos nacionais do mundo, um verdadeiro torneio mundial de clubes, com a autorização da FIFA, porém sem a participação efetiva desta.

Com a participação inicial no ano de 1951 de 8 clubes de 7 países distintos (Brasil com 2 representantes, Uruguai, Portugal, Áustria, França, Itália e Iugoslávia), a competição seria disputada em duas cidades: Rio de Janeiro (Maracanã) e São Paulo (Pacaembu).<sup>2</sup> Os critérios a serem utilizados, depois de muita discussão na CBD com contatos diretos com a FIFA ficaram definidos: a posição das seleções dos clubes na última Copa do Mundo. Apesar das desistências e recusas, o que gerou substituições fora destes critérios preliminares, além do convite a Portugal por conta da aproximação com o Brasil, era um indício claro e evidente de atrelar a recém-nascida Copa Rio ao torneio de seleções do ano anterior. Na edição de 1952, antecipada a pedido do Fluminense por conta das comemorações dos seus 50 anos de

---

\* Professor e historiador do CEFET/RJ, Doutor em História (UFPR), integra como pesquisador, o SPORT – Laboratório de História do Esporte e do Lazer da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), o NEFS – Núcleo de Estudos Futebol e Sociedade da Universidade Federal do Paraná (UFPR) e o NEPESS – Núcleo de Estudos e Pesquisas sobre Esporte e Sociedade da Universidade Federal Fluminense (UFF).

<sup>2</sup> Os representantes da França (Nice), Iugoslávia (Estrela Vermelha) e Áustria (Áustria Viena) substituíram os da Inglaterra, Espanha e Suécia. A Escócia também convidada, recusara o convite para participar.

fundação, o grau de organização e de participação dos grandes clubes mundiais cairia por conta de fatores econômicos e desinteresse de vários clubes europeus.

O Brasil teria mais uma vez uma oportunidade de demonstrar sua capacidade de organizar um evento internacional deste porte, além de poder brigar por um título de clubes inédito e que poderia (assim como foi por parte da imprensa brasileira) elevar o brilho do futebol brasileiro no mundo. Não nos cabe aqui neste trabalho explorar de forma esmiuçada os detalhes da organização do evento muito menos debatê-la sob a luz da conjuntura atual se os títulos conquistados pelo Palmeiras (1951) e Fluminense (1952) são mundiais ou não. Nosso interesse por aqui é compreender como este torneio fora explorado pelas crônicas do *JS* e quais representações em torno do futebol foram criadas a partir daí. Começamos nosso trabalho com a crônica de Vargas Netto, que apresenta sua opinião desta forma:

#### *Copa Rio*

*Uma outra competição de football volta a pôr o Brasil em evidência no mundo. Não há dúvida que se tem valorizado o football brasileiro. Todas as informações que tenho da Europa são unânimes sobre o virtuosismo e a potencialidade do nosso soccer.*

*O Arsenal chegou a Londres e declarou: “Não temos desculpas a dar. Perdemos porque o Brasil tem o melhor football do mundo”.*

*Os rapazes do Nice vinham encantados para o Rio. Vibravam ao avistar as luzes da cidade, com aquela admiração alegre dos franceses: Olalá! Olalá!*

*Chegaram os austríacos e os uruguaios, vêm aí os italianos e os iugoslavos, já chegaram os portugueses. Bastam estes para os nomes do Brasil morar em milhões de bocas, povoar milhões de imaginações, agitar um sem número de curiosidade, criar admirações! (...). (VARGAS NETTO, 27/06/1951: 5)*

Vargas Netto insistia na tese de que temos um futebol brasileiro virtuoso e de primeira linha. Neste ponto, destacamos o caráter ufanista de seu discurso, tão presente em seus respectivos textos, assim como reforçamos a compreensão de que a luta de todos os jornalistas e cronistas do *JS* era também, no limite, valorizar o seu produto, ou seja, a notícia e o debate sobre os esportes e, para tanto, era importante que o mercado consumidor estivesse cada vez mais ampliado e consolidado para a recepção de novos subprodutos, como no caso a Copa

Rio. A fuga do fracasso da Copa do Mundo de 1950 era uma meta a ser cumprida pelo jornalismo esportivo nos anos seguintes e a Copa Rio se colocava como uma “válvula de escape” de toda a frustração do ano anterior, inclusive nos negócios da empresa, ou seja, os interesses comerciais do próprio *JS*. Não obstante ao desenvolvimento mais amplo, de médio e longo prazos do campo esportivo, havia o esforço de manutenção da empresa, inclusive junto aos anunciantes do periódico.

O cronista não divulgava suas fontes na Europa, mas ainda assim é crível que o futebol brasileiro tornara-se mais famoso a partir dos dois últimos torneios mundiais (antes da II Guerra Mundial, em 1938, quando alcançamos o terceiro lugar na competição e destacamos o artilheiro Leônidas com sete gols e em 1950, quando ficamos com o vice-campeonato, após uma grande campanha, sem falar em todo o processo de organização e divulgação da Copa). Apesar da recusa de algumas equipes, outros clubes importantes vieram ao Brasil para a disputa do torneio.

Para justificar a força do futebol brasileiro, Vargas Netto lembrava da viagem do Arsenal, então campeão da *FA Cup* (Copa da Inglaterra) de 1950, ao Brasil quando perdeu de forma retumbante para alguns times como o Vasco da Gama, por exemplo.<sup>3</sup> E apontava um discurso de reconhecimento da superioridade brasileira nestes confrontos pelos próprios ingleses, sem, todavia, citar a fonte correta. A própria cidade do Rio de Janeiro mais uma vez era um elemento de orgulho para a boa recepção que o esporte daria mais uma vez ao mundo: as luzes, naturais e artificiais poderiam saudar os visitantes, numa comparação clara com o que ocorrera no ano anterior, sem falar no desenvolvimento do turismo internacional. O autor utilizava mesmo que de modo bem impessoal a expressão de surpresa dos franceses, caindo como de costume em uma visão estereotipada sobre as apreensões europeias do que seria de fato o Brasil. De qualquer forma, tinha muita razão sobre o alcance que a competição poderia ter, tendo em vista a cobertura jornalística de sete países envolvidos diretamente sem contar os demais centros de futebol (como a Espanha e a Inglaterra) que chamariam a atenção neste encontro entre clubes e países da Europa com a América do Sul. Realmente, poderia ser um produto bem vendável para a imprensa internacional.

---

<sup>3</sup> O jogo terminou em 4 a 0 para o time carioca em partida disputada no Maracanã.

Mas, o que o autor de fato quer dizer quando escrevia que esta imprensa poderá divulgar as “afirmações do Brasil”? Conforme já trabalhamos os textos de Vargas Netto, não só por sua origem regionalista no campo da literatura, mas também por ele acreditar na ampliação das imagens da nossa cultura pelo mundo afora com os preparativos para a Copa de 1950, podemos afirmar que se tratava não exatamente das diversas identidades locais, regionais e específicas do nosso país. Tratava-se, porém, de uma visão amalgamada e homogênea das representações culturais que grassavam pelas belezas naturais das cidades, da cordialidade e gentileza do seu povo e, obviamente, do virtuosismo do nosso futebol. Talvez seja um exagero de nossa parte dizer que Vargas Netto e outros autores do *JS* colaboraram para a construção da ideia de um “país do futebol” ou mesmo de uma forma específica de se jogar este esporte.<sup>4</sup> Talvez, não. De qualquer forma, consideramos bastante razoável a ideia de valorização deste esporte no país em comparação aos demais (europeus e sulamericanos) mesmo antes da vitória vindoura de 1958, seja por questões mercadológicas ou mesmo sob as nuances da construção da identidade nacional a partir ou com o esporte. A imagem perfeita do Brasil, voltado para uma modernidade esportiva<sup>5</sup>, e esta, por sua vez, enquadrada em um projeto de modernidade mais amplo, seria reconhecido pelo mundo afora, principalmente, o desenvolvido e europeu, como nos chama a atenção o seu autor:

*(...) Vamos interessar milhares de torcedores de cada um desses países, chamar a atenção das respectivas nações através de suas representações desportivas, de seus dirigentes, de seus jornalistas, de seus locutores, dos fans que seguem as equipes.*

*Esses milhões fixarão os seus sentidos nas notícias, nas fotografias, nas transmissões radiofônicas, nas correspondências particulares, que levarão, que revelarão, que elucidarão, que hão (...) pormenores, aspectos, situações, paisagens, possibilidades brasileiras, belezas brasileiras, afirmações do Brasil...*

*Já agora toda a Europa fala do Brasil através de seus jogadores e de seu football. Os clubes brasileiros por suas equipes encheram a atenção de grandes públicos de*

---

<sup>4</sup> Algumas das melhores discussões acadêmicas acerca da construção destas representações podem ser vistas em HELAL, Ronaldo; SOARES, Antonio Jorge e LOVISOLO, Hugó. *A Invenção do País Futebol: Mídia, Raça e Idolatria*. Rio de Janeiro: Mauad, 2001.

<sup>5</sup> Um estudo profundo sobre a modernidade enquanto discurso no *JS* pode se encontrado em: FREITAS JUNIOR, Miguel Archanjo de. *No Meio do Caminho: tensões presentes nas representações sobre o futebol e o ideal de modernidade brasileira na década de 1950*. Curitiba: UFPR, 2009. Tese de Doutorado em História.

*todo o continente europeu desde o Oriente ao Ocidente, do Norte ao Sul, da Velha terra européia. O São Paulo-Bangú fez ótimas demonstrações, a Portuguesa de São Paulo fez um Record de vitórias da Turquia à Suécia. O Flamengo igualou o Record da Portuguesa e chega hoje sem nenhuma derrota e sem nenhum empate. Só teve vitórias em dez jogos (...). Os clubes ingleses voltaram entusiasmados com o Brasil e seu football. Por toda a Europa se fala no Vasco, nos jogadores do Vasco, nas performances do Vasco...*

*Os jornalistas de Londres preocupam-se com as notícias do Rio. Os de Paris, os de Roma, os de Madri, Lisboa, Belgrado, Oslo, Copenhagen, falam no Brasil para seus leitores, publicam notícias e fotografias. Gente de todos esses lugares vem conhecer nosso país. E tudo por que? Pela divulgação do football.*

*Esse é o mérito e a utilidade da Copa Rio. As cidades do Rio e de São Paulo estarão em todas as lembranças. (VARGAS NETTO, 27/06/1951: 5)*

Todos os olhos do mundo esportivo continuariam a olhar para o Brasil, mesmo que este país fosse representado por duas cidades da região sudeste: o Rio de Janeiro e São Paulo. A ressalva no texto era mais para valorizar estas duas cidades, cuja importância no panorama esportivo era vista de forma cotidiana nos principais jornais do Brasil, do que para admitir um centralismo da imprensa especializada em torno do eixo Rio-São Paulo. Aliás, por mais que a cidade de São Paulo fosse referenciada nas matérias e crônicas do *JS*, a visão deste jornal era de forma obstinada, desde sua criação, a sobrepôr o esporte carioca sobre os demais estados, inclusive em relação a São Paulo. Em várias oportunidades, podemos perceber que o *JS* para dentro do país, defendia de forma velada uma visão carioca de esporte, enquanto que para fora, acreditava na mistura entre Rio e São Paulo, como elementos quase únicos da representação de nossa identidade nacional (esportiva ou mais ainda de forma mais ampla).<sup>6</sup> A Copa Rio, portanto, seria uma das ferramentas embaixadoras da nossa brasilidade, de nosso futebol e de nossas cidades.

---

<sup>6</sup> De acordo com Alvarus de Oliveira, "(...) Felizmente, porem, o Palmeiras se recuperou. Armou-se e fez belas partidas. E de onde não se esperava, saiu o campeão... O clube paulista campeão do seu Estado, e do Torneio Rio-São Paulo se sagrou também o vencedor dos clubes campeões mundiais, levantando a Taça Rio. Ainda bem. Se de um lado, o carioca perdeu a sua taça, de outro, a faixa do "melhor" tendeu para outro clube brasileiro, e sejamos sinceros – clube que mereceu pelo esforço e pelo brilho que deu ao certame. O complexo de que somos os melhores do mundo, mas só quando não disputamos título a valer, felizmente se desvaneceu. Pelo menos uma copa vencemos. E a cidade, exultante com a gloria do Palmeiras, soube tributar ao campeão as homenagens merecidas, agradecendo-lhe pelos momentos alegres da satisfação popular!". OLIVEIRA, Alvarus de. Uma "Copa" Afinal! In: *Jornal dos Sports*. Rio de Janeiro, n.º 6.724, 28 de julho de 1951. P. 5. Este cronista participava do *JS* com uma periodicidade mais efêmera do que os demais analisados nesta pesquisa.



José Lins do Rego, também lançava ideias sobre esta competição e seu significado para o país, conforme observamos no texto abaixo:

*Cuidado*

*Todos nós estamos numa maré de otimismo em relação ao football brasileiro. Temos razão para tanto, mas nada que nos faça mais mal do que a máscara. O brasileiro é muito sujeito a doença do “ufanismo”. É uma doença que ataca senso crítico e pode muito bem conduzir a um delírio de grandesa deplorável.*

*Temos, e disto demos prova, em todo o mundo, desde o Mediterraneo ao Báltico, um football de primeira qualidade. Nada a opor a esta conclusão.*

*Mas aí está o Torneio dos Campeões e precisamos cuidar. Nada de pensar em passeio, em baile, dentro do campo. O Vasco e o Palmeiras carecem de nosso apoio. E os responsáveis pelos dois melhores quadros brasileiros devem estar a postos para o que der e vier. (REGO, 28/06/1951: 5)*

De forma breve e objetiva, como lhe era peculiar nas crônicas esportivas do *JS*, José Lins critica a presença do ufanismo nas análises sobre o futebol brasileiro, chegando a concluir que esta forma de pensar seria o equivalente a uma doença que minaria as nossas forças esportivas. Apesar de acreditar na potencialidade do nosso futebol em comparação a todo o continente europeu (interessante pois não faz referência aos vizinhos sulamericanos), tinha uma postura cuidadosa (a começar pela escolha do próprio título do texto) e combatente aos exageros sobre nossa superioridade esportiva. De qualquer forma, era um recado direto para alguns colegas de redação que no afã de cobrir a Copa Rio como uma grande novidade vendável para o público internacional e para os leitores cariocas (no caso do *JS*) teriam aumentado demais as expectativas em torno dos dois representantes do futebol nacional: o Vasco e o Palmeiras, campeões de seus estados nos anos anteriores. O “Torneio dos Campeões” (expressão utilizada pelo autor e que nos mostra o quanto havia uma diversidade de nomes e incongruências para se chegar a uma nomenclatura definitiva) precisaria ser vencido em campo e, para tanto, o exagero das coberturas e crônicas deveria ser contido antes que contaminasse os próprios jogadores destes dois times. Se o cronista já era contido em seu otimismo, quando éramos declarados favoritos majoritariamente pela imprensa de forma geral, após a experiência de 1950, passara a adotar um discurso ainda mais cauteloso.

Uma leitura mais profunda e ácida sobre a capacidade brasileira de se tornar uma potência no cenário do futebol internacional pode ser vista em um texto de Geraldo Romualdo da Silva, que faz um histórico das recentes frustrações deste esporte e tem na Copa Rio, uma possibilidade de reversão da situação a qual o nosso esporte se encontrava:

*A outra “Copa do Mundo”*

*O Brasil é o Rei do Football: só falta a Coroa*

*Vai o football brasileiro entrar em sua segunda hora H. Já tivemos uma, aqui mesmo, a onze de junho de mil novecentos e cincoenta, e breve teremos outra. É verdade que sob rótulo diferente. Inclusive, com alguns personagens desconhecidos. Mas, no fundo, igual a todos aqueles que chegaram, viram e venceram – ou só chegaram – mas não obstante isso, trataram de alcançar o que depois de tudo, depois do “consumatum est”, pareceu-nos nada mais nada menos do que um castigo do céu...*

*Vamos, assim, para a experiência número dois num prazo mínimo de doze meses.*

*Não poucas entidades desejariam ter a ventura de patrocinar, orientar e fiscalizar esta “Copa Rio”, que não deixa de constituir uma prova concreta do extraordinário prestígio adquirido pelo Brasil. Como cultura desportiva, e como mercado sem rival no cômputo geral dos considerados grandes centros de atrações do football.*

*(...) Mas quantas vezes atingimos o princípio do fim de uma grande jornada esportiva e quantas vezes atingimos verdadeiramente o fim, para então perdermos o bom bocado que nos deveria tocar como melhores, como reconhecidamente os mais rutilantes, etc, etc.? Inúmeras vezes. Desde mil novecentos e trinta e seis (Buenos Aires), que vivemos perdidos de euforia. Ganhando só na véspera. Recebendo as homenagens em dinheiro e todas as outras homenagens não materiais na véspera. Principiou em trinta e seis. Em trinta e seis, perdemos a primeira “boca” numa repetição de match com os argentinos.*

*Curioso é que antes da derrocada o técnico era bom. Depois dela, todavia, passou a não valer nada.*

*Dois anos mais tarde, em Marselha, tornamos a calcular mal o pulo. E lá se foi, de roldão, a Copa do Mundo. Mais críticas ao técnico. Veio mil novecentos e quarenta e cinco (Santiago do Chile). Novo dissabor. O técnico havia trocado de nome e o sumário de culpa transferido. Idem, em mil novecentos e quarenta e seis. Idem, pior ainda, em cincoenta. Fatalidade ou que é que acontece? (SILVA, 27/06/1951: 5)*

Geraldo Romualdo que transitava entre o universo de campo do repórter esportivo, inclusive como enviado especial para eventos internacionais como Copas do Mundo e Jogos

Olímpicos, e o de cronista, com matérias assinadas e opinativas, deixa bem claro que a Copa Rio era além de uma nova oportunidade de sucesso do futebol brasileiro e de apagar uma memória recente e desastrosa das nossas atuações, uma chance de gerar rendas e recursos para os clubes e as instituições dirigentes envolvidas (CBD e federações do estado do Rio de Janeiro e de São Paulo). Como o próprio jornalista aponta: “cultura desportiva” e “mercado” caminhavam juntos nesta empreitada que era amplamente divulgada pelo *JS*.

Valorizando este torneio internacional, Geraldo revivia o histórico de fracassos e frustrações brasileiras, desde a década de 1930, quando perdera várias competições importantes como o Campeonato Sulamericano em 1936 (finalizando no início de 1937, no entanto); a Copa do Mundo da França em 1938; o Campeonato Sulamericano Extra de 1945; o Campeonato Sulamericano de 1946 e a Copa do Mundo em 1950 em casa (SOTER, 2002: 325-338).<sup>7</sup> Apesar de algumas poucas conquistas brasileiras no período, e que são completamente ignoradas pelo autor, nada explicaria o nosso fracasso a não ser pelo acaso, falta de sorte e coincidência, tendo em vista que, segundo ele, não só teríamos uma boa técnica, mas a melhor técnica de todos os países, pelo qual “(...) o universo inteiro vem de consagrar como absoluta.” (SOTER, 2002: 325-338).<sup>8</sup> Mas, como referenciar tal assertiva apenas pelo azar e/ou pelo destino? O pleno desenvolvimento de nosso futebol por meio dos clubes, suas temporadas e sucessos nos torneios e partidas amistosas, sejam jogados por aqui, sejam no exterior poderia ser um parâmetro para a nossa seleção? Apesar de considerar a alta qualidade do futebol praticado por aqui, o cronista considerava que o grande mal de nossa seleção seria a falta de objetividade, conforme notamos na continuidade do texto:

*Mas, fatalidade ou apenas cisma, cisma ou mera coincidência, o caso é que não temos conseguido ir além do “quase” – de quase campeões sul-americanos e de quase campeões mundiais – nos últimos vinte anos de seguidas batalhas nos mais estranhos e nos mais longínquos campos da terra.*

---

<sup>7</sup> O jornalista se quisesse enfatizar ainda mais a trajetória derrotista da seleção brasileira poderia ter citado as derrotas na Copa Roca em 1939 e 1940 (contra a Argentina), as Copas Rio Branco de 1940, 1946 e 1948 (contra o Uruguai) e o Sulamericano em 1942.

<sup>8</sup> Dentre as vitórias brasileiras neste período (1936-1950), sem contar com as partidas amistosas disputadas, podemos citar: a Copa Roca de 1945, a Copa Rio Branco de 1947 e 1950, a Taça Oswaldo Cruz em 1950 (contra o Paraguai) e o Campeonato Sulamericano de 1949.



*(...) Não é possível. Não é mais possível permanecermos à mercê de azares subjetivos. Permitindo que uma escrita tão velha e tão absurda insista em anular tamanha prova de eficiência. Tantas e tão exuberantes provas de boa técnica. Da melhor técnica. Que o universo inteiro vem de consagrar como absoluta.*

*Alguma coisa deve andar desacertada e alguma coisa mais objetiva deve andar tramando contra a consumação dos sonhos que sonhamos antes do instante exatamente propício.*

*Talvez seja excesso de teoria. Talvez, seja excesso de capricho. De requinte na manobras. De abuso nos dribles. Nas “bicicletas”. Quando o mais simples é pura bola na rede. Arte, na qual, os uruguaiois têm sido mestres sem rivais. Ainda que venham da banda oriental com o cartaz um pouco abalado e um pouco comprometido, como de lá parece estar chegando o velho, temível e campeoníssimo Nacional. (SILVA, 27/06/1951: 5)*

Assim como em outras crônicas, podemos perceber por aqui que o momento do fracasso esportivo ou ausência de títulos significativos possibilitava, como hoje, debater os rumos do futebol brasileiro, e, desta forma, a desconfiança em torno da seleção era colocada em torno da dualidade em jogar de forma objetiva e eficiente ou jogar de modo bonito, artístico e exuberante. Certamente, uma discussão que atravessou o século XX e que se mantém nos dias de hoje. Seria um debate infrutífero e sem fim? Mote da cobertura do jornalismo esportivo que necessita ter o que tratar? Neste caso, a história deste debate nos ilumina para refletirmos sobre estas representações? Ou não são necessariamente representações esportivas e culturais em torno de um possível estilo de jogo? Questões sérias, mas que não temos a pretensão de respondê-las em sua completude. O que podemos afirmar é que as causas de nosso período sem títulos mundiais levaram a exaltação de nosso futebol em dois modelos de interpretação: a de que atingíamos um patamar de qualidade sem igual, por conta das excursões e das campanhas da seleção em determinados torneios e a de que só não completávamos este ciclo bem sucedido, por conta do imponderável e da falta de sorte. Não é o caso necessariamente da análise de Geraldo Romualdo, pois para este autor, sobraram caprichos, dribles, requinte nas manobras, enfim, arte. Deveríamos, segundo ele, aprender com os uruguaiois que eram considerados modelos de objetividade e eficiência, ou seja, “bola na rede”.

A aproximação com os vizinhos, no entanto, ficara por aqui mesmo porque não há nem neste, nem em outro cronista o posicionamento do futebol brasileiro frente aos vizinhos da América do Sul. Ou seja, se o Brasil atingira um nível internacional de igual para igual com os países europeus, não o era em relação a Uruguai e a Argentina, por exemplos, devido a uma série de derrotas brasileiras frente a estes dois países. Nossa exaltação futebolística estava mais voltada com a comparação com os países e times europeus, sendo a presença da valorização dos nossos vizinhos no discurso de comparação uma exceção a esta regra.

De acordo com Olympicus, o sucesso alcançado pela competição estava além do título que o Palmeiras conseguira em campo, mas por conta da nossa capacidade de dar a volta por cima, de sairmos de uma prostração coletiva de lamúrias e derrotismo. Mais uma vez, o olhar de que precisávamos da aprovação dos europeus aparece em mais este texto:

*Transformemos o Torneio Rio-São Paulo em “Taça do Brasil”*

*Para os que temiam pouco êxito na Copa Rio desapareceu qualquer dúvida muito antes de chegar à final, porque o sucesso se esboçou desde a rodada inicial.*

*Se outros torneios terão que ser realizados os poderemos organizar sem temor algum. O caso da dúvida do sucesso acerca do torneio é devido à nossa infelicidade na final da Copa do Mundo de 50. Julgou-se na Europa que haveria desânimo aqui. Que poderia interessar aos brasileiros um simples torneio de clubes quando havíamos sofrido a maior desilusão com o selecionado? Não se assustem, porém, se na Europa se pensava assim, com acerto, porque lá ninguém liga a clubes em matéria de confronto internacional e sim às seleções nacionais. Ademais, lá nunca se havia organizado um certame de clubes à base mundial. Não pensavam por tudo isso que a Copa Rio tivesse mais da metade da renda do campeonato mundial de 50. (...) (MAZZONI, 28/07/1951: 5)*

Esta crônica tinha o objetivo de propor a criação da Taça Brasil, a partir da ampliação do Torneio Rio-São Paulo, mas é iniciada com o propósito de exaltar o sucesso da Copa Rio e de como as expectativas em torno desta competição seguiam os parâmetros dos europeus. O texto é como se disséssemos que temos condições de anunciar para todo o mundo de que somos capazes de organizar uma competição internacional e com relativo sucesso de público. Desta forma, nossa identidade em torno do futebol passara a ser moldada na visão de outridade, ou seja, na ideia de que nos reafirmamos enquanto potência esportiva apenas se

atingirmos padrões europeus de disciplina, organização e reconhecimento internacional. Outro ponto importante também era a preocupação com o sucesso financeiro do evento, pois o mercado de entretenimento seria um elemento a ser considerado na discussão de nossa capacidade esportiva e organizativa para este fim. Retorno do mercado e ampliação do campo esportivo, com o apoio e intervenção da imprensa, caminhavam em direções precisas e próximas. Inclusive, suportado por estas premissas e levando em conta a hegemonia dos estados do Rio e São Paulo, Olympicus propunha a criação da Taça Brasil a partir da necessidade de termos uma competição nacional, digna (mais uma vez) dos padrões europeus de organização esportiva como podemos perceber na continuação da crônica supracitada:

*(...) Nós, porem, não temos a competição tipo da taça, mas não precisamos criá-la, ou seja, precisamos apenas instituir a taça, porque o Torneio Rio-São Paulo se presta idealmente para tanto. O certame dos “grandes” das duas capitais, cujo sucesso já está garantido pelas disputas de 1950 e 1951, passaria a se denominar Taça do Brasil. Sendo assim, o torneio em questão, cuja realização anual ninguém mais duvida, daria o vencedor da Taça Brasil. Lembrem-se de que o último Torneio Rio-São Paulo, sem os preços extraordinários nos ingressos, rendeu Cr\$ 11.679.802,00 mais de a metade da renda da recente Copa Rio, e os concorrentes foram oito também. Vejam que já dissemos em artigos anteriores que os torneios dos esquadões de São Paulo e do Rio estão destinados a ser num futuro próximo o campeonato máximo do football profissional das duas capitais. Mas, campeonato ou torneio, deveríamos convertê-lo desde já em Taça Brasil. Que tal a idéia?*  
(MAZZONI, 28/07/1951: 5)

A proposta de Olympicus, que estava radicado em São Paulo, mas também encaixaria no discurso carioca da imprensa esportiva, resumia a ideia de que a identidade do futebol brasileiro nasceria e se consolidaria apenas com as federações e clubes destes dois locais. A discussão em torno da integração com os demais membros da União não era pensada pelos demais articulistas do futebol como os cronistas do *JS*, por exemplo. Tornar o Rio-São Paulo em uma competição de caráter nacional parecia um caminho natural para quem divulgava a qualidade do nosso futebol a partir destes centros, com raras menções ao demais, mesmo com alguma ou outra experiência de torneios interestaduais.<sup>9</sup> Por outro lado, cabe lembrar que a

---

<sup>9</sup> Como, por exemplo, a realização do Torneio dos Campeões da região Sudeste, promovido em 1936 pela extinta Federação Brasileira de Futebol, com a presença do Atlético-MG (vencedor da competição), Portuguesa de

proposição insistente em torneios nacionais não era apenas um projeto de modernizar o futebol brasileiro e organizá-lo aos moldes europeus, mas também de ampliar o campo de atuação da imprensa esportiva e todos os negócios que a partir dela circulariam. Mazzoni, assim como outros proponentes de eventos e ações esportivas, como Mário Filho, circunscreviam-se em um modelo de imprensa interventora, conforme abordagem apresentada por Maria Helena Capelato e Maria Lígia Prado (1980: 19).

Porém, a proposta só iria se concretizar a partir de 1959, com a criação da Taça Brasil, reunindo os 16 clubes campeões estaduais com separações regionais (pré-eliminatórias), mas com entrada direta dos representantes de Rio de Janeiro e São Paulo apenas nas semifinais, um privilégio declarado pela CBD. Apesar de toda a discussão em torno da aceitação de nossos torneios pelos olhares europeus, o grande estímulo pela criação da Taça Brasil seria a necessidade de elegermos um representante da novíssima competição: a Copa dos Campeões da América (1960), ou seja, uma competição com a participação dos times da América do Sul.<sup>10</sup> Passávamos a voltar nossos olhos identitários para a América, em oposição/composição com as seleções deste continente, adotando um discurso sobre a garra dos vizinhos, mas nos diferenciando acerca do nosso talento.

Desta forma, o *JS*, por meio de seus cronistas propunha o fortalecimento de nosso futebol a partir da criação de um torneio nacional, mas com clara, forte e decisiva presença dos clubes paulistas e cariocas. A vitória do Palmeiras na Copa Rio em 1951 deixou raízes fortes deste projeto, possibilitando pensar numa edição no ano seguinte, como acabou ocorrendo.

Todo o esforço do *JS* em prol da divulgação da Copa Rio não se encerrava na cobertura esportiva em si mesma de um jornal especializado, mas sim das pretensões históricas do mesmo em intervir diretamente no campo esportivo, assim como valorizar a ideia do clubismo como regulador deste mesmo campo, sem falar no desenvolvimento de novas estratégias de marketing para a venda de jornais. Ou seja, a Copa Rio se inseria em um

---

Desportos (SP), Fluminense (RJ) e Rio Branco (ES). Ver em: UNZELTE, Celso. *O Livro de Ouro do Futebol*. São Paulo: Ediouro, 2002. P. 420-421.

<sup>10</sup> A decisão desta criação fora tomada no Congresso da Confederação Sulamericana de Futebol (CONMEBOL) em 1958, no Rio de Janeiro.

contexto de discussão da modernização e organização do futebol brasileiro, a partir de uma das ideias fortes defendidas desde as origens do próprio jornal: a valorização do clube enquanto associação e instituição formadora das práticas desportivas.

#### Referências Bibliográficas

- CANDIDO, Antonio et al. *A Crônica. O gênero, sua fixação e suas transformações no Brasil*. Campinas: Ed. da Unicamp, 1992.
- CAPELATO, Maria Helena e PRADO, Maria Ligia. *O bravo matutino: imprensa e ideologia no jornal O Estado de São Paulo*. São Paulo: Alfa-Omega, 1980.
- COELHO, Eduardo. *1952: Fluminense Campeão do Mundo*. Rio de Janeiro: Maquinária, 2012.
- COUTO, André Alexandre Guimarães. *Cronistas Esportivos em Campo: Letras, Imprensa e Cultura no Jornal dos Sports (1950-1958)*. Curitiba: UFPR, 2016. Tese de Doutorado em História.
- FREITAS JUNIOR, Miguel Archanjo de. *No Meio do Caminho: tensões presentes nas representações sobre o futebol e o ideal de modernidade brasileira na década de 1950*. Curitiba: UFPR, 2009. Tese de Doutorado em História.
- GALUPPO, Fernando Razzo. *Palmeiras: Campeão do Mundo – 1951*. Rio de Janeiro: Maquinária, 2011.
- HELAL, Ronaldo; SOARES, Antonio Jorge e LOVISOLO, Hugo. *A Invenção do País Futebol: Mídia, Raça e Idolatria*. Rio de Janeiro: Mauad, 2001.
- MAINGUENEAU, Dominique. *Novas Tendências em Análise do Discurso*. Campinas: Pontes Editores, 1989.
- MAZZONI, Thomaz (Olimpicus). Transformemos o Torneio Rio-São Paulo em “Taça do Brasil”. In: *Jornal dos Sports*. Rio de Janeiro, n.º 6.724, 28 de julho de 1951. P. 5.
- OLIVEIRA, Alvarus de. Uma “Copa” Afinal! In: *Jornal dos Sports*. Rio de Janeiro, n.º 6.724, 28 de julho de 1951. P. 5.
- REGO, José Lins do. Cuidado. In: *Jornal dos Sports*. Rio de Janeiro, n.º 6.698, 28 de junho de 1951. P. 5. Coluna Esporte e Vida.
- SILVA, Geraldo Romualdo da. A outra “Copa do Mundo”. O Brasil é o Rei do Football: só falta a Coroa. In: *Jornal dos Sports*. Rio de Janeiro, n.º 6.697, 27 de junho de 1951. P. 5.



SOTER, Ivan. *Enciclopédia da Seleção: As Seleções Brasileiras de Futebol – 1914-2002*. Rio de Janeiro: Folha Seca, 2002.

UNZELTE, Celso. *O Livro de Ouro do Futebol*. São Paulo: Ediouro, 2002. P. 420-421.

VARGAS NETTO, Manoel. Copa Rio. *In: Jornal dos Sports*. Rio de Janeiro, n.º 6.697, 27 de junho de 1951. P. 5. Coluna A Crônica de Vargas Netto.